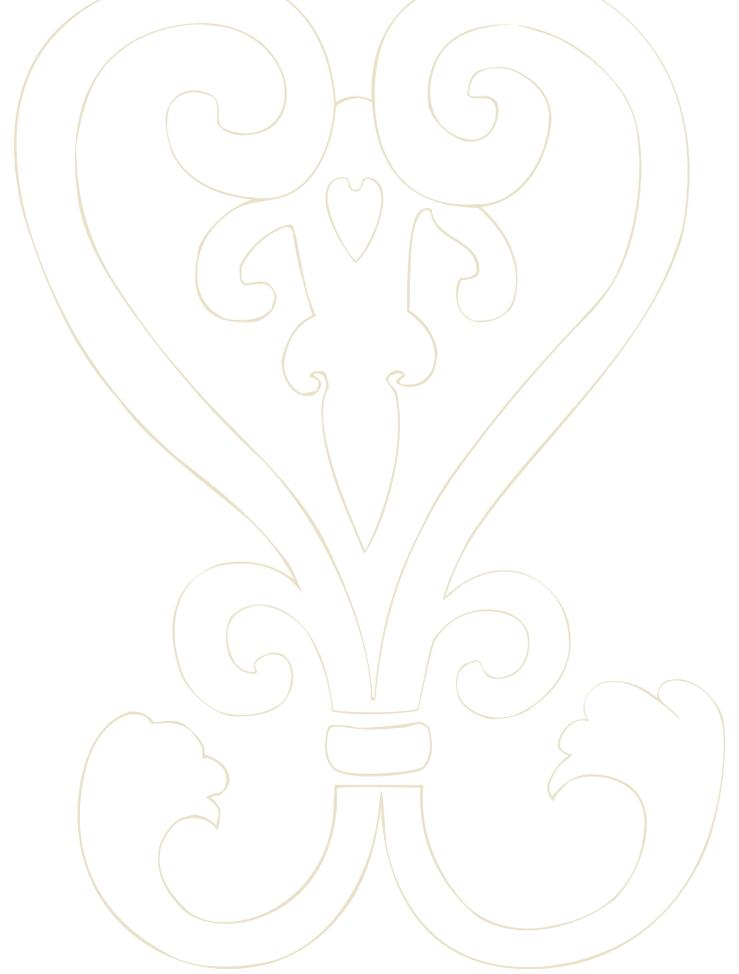




igreja

IGREJA DE SÃO MAMEDE DE VILA VERDE





## 1. A Igreja na Época Medieval

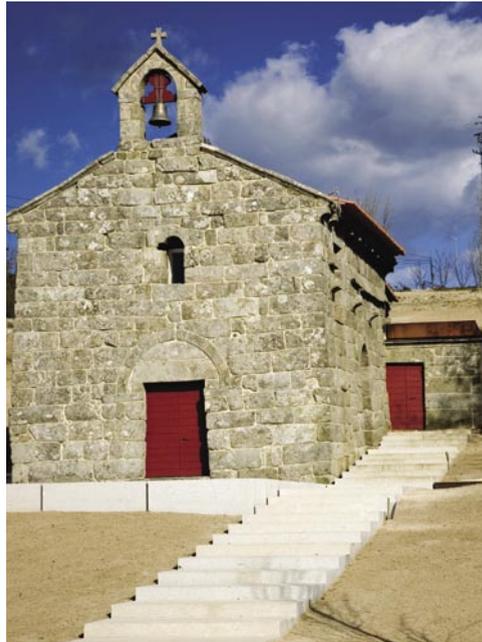
359

Visitar a Igreja Velha de São Mamede, implantada na Serrinha e integrada na freguesia de Vila Verde (Felgueiras), pensar na função de protector do gado do seu padroeiro e observar a paisagem envolvente e o sítio da Igreja, são excelentes formas de entender um testemunho das mudanças históricas do povoamento e das condições económicas deste local serrano, anteriormente destinado à pastorícia.

A Igreja está situada num local sobranceiro a uma paisagem majestosa, dominando o extenso vale de Vila Verde e mostrando-nos como a localização das igrejas, na Época Românica, acompanha o *habitat* das populações, situando-se ora sobranceiras às agras, nas áreas mais planas, ora sobre as encostas, nas áreas mais montanhosas.



1. O local de implantação da Igreja Velha de São Mamede é um testemunho dos recursos económicos desta antiga paróquia, assentes na pastorícia e na criação de gado. O seu abandono e posterior ruína corresponderam às mudanças históricas do *habitat* que, progressivamente, se aproximou do vale.



2. Construída em lugar de claro valor paisagístico, dominando o extenso vale, a Igreja de São Mamede de Vila Verde mostra como a localização das igrejas, na Época Românica, acompanha o *habitat* das populações situando-se, ora sobranceiras às agramas, nas áreas mais planas, ora sobre as encostas, nas zonas mais montanhosas.

3. A Igreja de São Mamede é constituída por nave única e cabeceira rectangulares, segundo o esquema mais glosado na arquitectura românica e tardo-românica, em Portugal.

A referência documental mais antiga respeitante à Igreja de São Mamede encontra-se nas *Inquirições* de 1220, onde é já mencionada como *Sancto Mamete de Villa Verde*, Igreja que integrava o padroado do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro. Nas *Inquirições* de 1258 regista-se que a paróquia e a Igreja de *Sancti Mametis Ville Verde* fora deixada, em testamento, pelo *Comitis Menendi* àquela casa monástica<sup>1</sup>. Apesar de estas referências atestarem a existência da paróquia e da Igreja já nos inícios do século XIII, o templo actual corresponde a uma reforma mais tardia, como se verá mais à frente neste texto.

Para um melhor entendimento da localização desta Igreja, da organização territorial da freguesia e dos interesses económicos da sua população, convém registar que o seu padroeiro, São Mamede, é em Portugal um santo de devoção muito antiga. No século X é já muito frequente a invocação deste Santo em igrejas paroquiais e em capelas situadas em montes, ou junto aos castelos desta época da Reconquista. Este facto é demonstrativo do interesse económico que se dava então à pastorícia e à criação de gado. Segundo conta a lenda, São Mamede foi pastor e mártir de Cesareia, na Capadócia. No deserto construiu um oratório onde pregava o Evangelho aos animais selvagens. Com o leite dos animais produzia queijos, que um anjo lhe ordenara que oferecesse aos pobres. Perseguido pelo imperador Aureliano, Mamede foi condenado a ser devorado por um leopardo, um leão e um urso que, recusando-se a atacá-lo, se ajoelharam aos seus pés. Depois de ter sofrido terríveis martírios, as suas relíquias foram levadas da Capadócia para Itália, Alemanha e, sobretudo, para França. São Mamede tornou-se, por causa do seu nome e por ter sido alimentado pelo leite dos animais selvagens, padroeiro das amas de leite. Os martírios a que foi

<sup>1</sup> P.H.M – *Inquisitiones*. 1220, 72, 165, 208 e P.H.M – *Inquisitiones*. 1258, 557.

sujeito tornaram-no ainda protector das doenças dos intestinos. No entanto, a sua maior popularidade deve-se à fama de protector do gado.

A antiga Igreja paroquial de Vila Verde está orientada canonicamente, ou seja, a cabeceira volta-se a Oriente e a fachada principal a Ocidente. É constituída por nave única e cabeceira rectangulares, sendo esta mais estreita e mais baixa do que a nave, segundo o esquema mais glosado na arquitectura medieval portuguesa, de função paroquial. A capela-mor encontra-se em cota mais elevada do que a nave, devido à implantação do edifício no plano inclinado da encosta. O desnível que existe entre a cabeceira e a nave da igreja, mais baixa, é compensado por três degraus.

O templo é construído à maneira românica, ou seja, utiliza as técnicas construtivas, a planta e os alçados próprios da arquitectura românica, embora corresponda a uma época em que a arquitectura gótica era, há muito, dominante. Com efeito, trata-se de uma construção já do século XIV, que substituiu a edificação documentada no primeiro quartel do século XIII, como sugerem vários elementos, sobretudo a forma de arranjar os portais e a utilização predominante de cachorros lisos. O modo de colocar a escultura nos cachorros e a forma geométrica que estes apresentam constituem importantes indicadores na datação das igrejas românicas. Os exemplares mais antigos costumam ser rectangulares, estando a escultura muito bem adaptada a esta forma. No entanto, à medida que o românico vai evoluindo no tempo, a reiterada repetição dos modelos afasta-se, tendencialmente, deste esquema inicial, mais erudito e mais conforme ao estilo românico tal como ele nasceu e se expandiu.

Nas igrejas românicas mais tardias e nos exemplares datados da Época Gótica onde, no entanto, permanecem soluções próprias da Época Românica, os cachorros são habitualmente quadrangulares, mostrando uma muito menor variedade de temas e uma menos conseguida adaptação da escultura.

Estes elementos construtivos e decorativos fazem da Igreja de São Mamede um excelente exemplar do sabor regional e periférico que a arquitectura românica portuguesa, ao prolongar-se muito no tempo, demonstra em vários edifícios religiosos. É também testemunha de como o estilo românico, cujos modelos chegaram de França entre os finais do século XI e os inícios do século XII, se adaptou às tradições e circunstâncias locais. A longa permanência deste modo de construir, que chega até ao século XIV e por vezes até ao século XVI, conduz a que classifiquemos este tipo de igreja de *românico de resistência*.



4. Na Época Românica, uma igreja com o seu campanário era uma garantia de segurança física e psíquica para os habitantes de uma paróquia.

Da história desta Igreja pouco se sabe, embora a sua integração no padroado do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, poderosa casa beneditina desta região, explique os programas de pintura mural que São Mamede de Vila Verde recebeu no século XVI.

Nos últimos anos, um número muito apreciável de vestígios ou conjuntos de pintura foram *descobertos* e/ou valorizados, no âmbito de criteriosas campanhas de conservação e restauro. Sob camadas de cal ou ocultos por estruturas parietais e retábulos da época barroca, estes *novos* exemplares mostram bem o quanto as igrejas portuguesas apresentavam um interior colorido, num ambiente muito diverso daquele que conferem as paredes nuas que hoje se pode ver.

No final do século XV e no primeiro quartel do século XVI o interior dos templos recebe inúmeros conjuntos de pintura mural, ambientando o altar-mor e os vários altares da nave, que evocam um número cada vez maior de santos protectores da peste e de outros males, como São Sebastião, São Roque e Santo Antão ou que desbravam o caminho das almas para o Céu, como São Cristóvão, Santa Bárbara e Santa Catarina.



5. O arco □ contemporânea são exemplos de quanto o espaço de uma igreja é um elemento em constante mutação.

Segundo a norma habitual na conservação das igrejas e respectivo recheio, cabia ou aos párocos, ou aos comendatários zelar pela cabeceira, sacristia e casa do pároco. Na capela-mor, cumpria-lhes fazer obras, ornamentar e prover de alfaías litúrgicas. Os fregueses, isto é, os habitantes da freguesia, estavam obrigados à manutenção, reforma e reconstrução da nave e a cuidar e renovar todo o seu recheio como os *altares de fora* e os ornamentos e objectos de devoção.

Esta época corresponde igualmente à alteração da posição do altar-mor. São vários os exemplos documentais nos quais se ordena que o altar seja deslocado para a parede oriental da capela-mor, indicando que anteriormente se encontrava isento, ou seja, no meio da cabeceira, permitindo a circulação à sua volta. A dimensão do altar é aumentada e este é encostado à parede do topo oriental, como aconteceu no caso da Igreja Velha de Vila Verde, onde é nítida esta alteração.

Este novo arranjo do altar conserva-se em vários templos embora, na sua maioria, a existência de retábulos dos séculos XVII e XVIII preenchendo todo o espaço da parede da abside, não permita a sua observação. No entanto, o conhecimento desta alteração é tanto mais importante quanto nos esclarece sobre a distribuição e o enquadramento da pintura mural, no muro oriental da abside.

Ao contrário do que acontecia na Época Românica, na Época Gótica o momento crucial da missa consistia na elevação da hóstia, constituindo o instante mais apreciado do desenrolar do ritual litúrgico. Esta devoção da *Eucaristia* aumentou largamente durante a Baixa Idade Média. O seu culto suscitou grande número de milagres destinados a provar a presença real de Cristo na hóstia. Perante a dúvida de um sacerdote acerca da transmutação, ou da acção de um judeu sacrílego, o sangue de Cristo brotava da hóstia convencendo os incrédulos da verdade do *Santo Sacramento*. É depois da Contra-Reforma que a encenação litúrgica e iconográfica do triunfo da *Eucaristia* atinge o seu auge, mas a sua manifestação é muito anterior, como demonstra a iconografia do século XV e dos inícios do século XVI.



6. Pintura mural. Na parede oriental da cabeceira é ainda visível um programa de pintura mural, composto à maneira de um retábulo, onde são identificáveis as representações de São Bento – à esquerda do observador – e de São Bernardo (?) – à direita do observador. Encimando a composição, destaca-se o brasão dos Melos.

7. Pintura mural. Embora os vestígios de pintura sejam muito residuais, é ainda visível o padrão decorativo utilizado nas paredes da cabeceira.



O culto da *Eucaristia* e a sua solenização devem ser relacionados com a alteração da disposição do altar que, como já foi referido, se encosta à parede oriental da capela-mor. Nos séculos XV e XVI, o altar recebe programas de pintura mural nas superfícies superiores e laterais.

A multiplicação dos altares secundários no fim da Idade Média explica o enorme desenvolvimento da arte retabular, que habitualmente conjuga a pintura e a escultura. A quantidade de encomendas faz do retábulo uma das formas artísticas mais inventivas, entre os séculos XIII e XVI, associando técnicas, criando inúmeros tipos e servindo de suporte a diversíssimas formulações iconográficas. A pintura mural corresponderá a uma forma menos onerosa de atender à mesma motivação litúrgica, devocional e iconográfica.

Em São Mamede de Vila Verde os vestígios da pintura mural, hoje muito residuais, são suficientes para entendermos que as paredes laterais da capela-mor foram pintadas com um padrão decorativo de motivos vegetalistas e geométricos, à maneira dos *panos de armar*. Na parede do topo oriental, pintada ao modo de um retábulo, são ainda identificáveis as figuras de dois santos que tudo leva a crer corresponderem a *São Bento* e a *São Bernardo*, uma vez que um deles veste hábito negro e o outro hábito branco. Ambos seguram báculos.

Os padrões decorativos utilizados e as características formais das figuras aproximam este programa de outros exemplares datados de 1510, como o de São Salvador de Bravães (Ponte da Barca), São Cristóvão de Lordelo (de Felgueiras e do qual só subsistem registos fotográficos), São Martinho de Penacova (Felgueiras), São Salvador de Freixo de Baixo (Amarante), São Nicolau de Marco de Canaveses e Santa Marinha de Vila Marim (Vila Real).

Ainda na parede oriental da capela-mor, a presença de um brasão pertencente aos Melos reforça a ligação da encomenda deste programa aos abades comendatários do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, igualmente responsáveis por campanhas de pintura mural das igrejas de Santa Marinha de Vila Marim e de São Martinho de Penacova. Igrejas essas que pertenciam igualmente ao seu padroado. Da mesma época datarão as pinturas da nave da igreja.

Uma outra campanha de pintura mural, na capela-mor, sobreposta à que foi anteriormente referida, deverá datar de 1530/1550. Desta época restam vestígios muito ténues que um estudo recente com base em documentação fotográfica das décadas de 20 ou 30 do século XX<sup>2</sup> permitiu identificar como a representação de *São Mamede*, padroeiro da Igreja. Junto aos pés do Santo estavam pintados dois queijos e um púcaro assim como uma ovelha, em clara alusão à lenda que narra sua vida, bem como à sua qualidade de patrono do gado e do leite.

Mais uma vez esta campanha é comparável a outras, como a da igreja de Vila Marim, datada por inscrição de 1549, ou a da igreja do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro que apresenta o mesmo motivo decorativo na moldura de uma porta entaipada que dava acesso ao claustro e a um dos programas da igreja de Santa Eulália de Arnoso (Famalicão). Isto, entre outros exemplares do padroado daquele Mosteiro, e novamente da encomenda dos abades comendatários, como já notou Paula Bessa, neste caso de D. António de Melo, referenciado documentalmente como abade de Pombeiro entre 1526 e 1556<sup>3</sup>.



8. Pintura mural. Moldura decorativa.



9. Pintura mural. Parede oriental da cabeceira. Representação de São Bento.

2 AFONSO, Luis Urbano de Oliveira – *A Pintura Mural Portuguesa entre o Gótico Internacional e o Fim do Renascimento: Formas, Significados, Funções. Corpora da Pintura Mural Portuguesa (c. 1400-c. 1550)*. Anexo A. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006, p. 843.

3 BESSA, Paula – «Pintura mural em Santa Marinha de Vila Marim, S. Martinho de Penacova, Santa Maria de Pombeiro e na Capela Funerária Anexa à Igreja de S. Dinis de Vila Real: Parentescos Pictóricos e Institucionais e as Encomendas do Abade D. António de Melo». Sep. de *Cadernos do Noroeste*, 20 (1-2), Série História 3, 2003, pp. 67-95.



10. Pintura mural. Parede oriental da cabeceira. Brasão dos Melos, abades comendatários do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro (Felgueiras). A Igreja de São Mamede de Vila Verde era do padroado do referido Mosteiro. As duas campanhas de pintura mural da Igreja de São Mamede, uma da 1ª década e outra dos meados do séc. XVI, resultaram de encomendas daqueles abades.

Segundo Luís Afonso, esta campanha pictórica poderá ser atribuída ao pintor Arnaus que assina os frescos da igreja de São Paio de Midões (Barcelos), datados, por inscrição, de 1535. A este pintor, que o mesmo autor considera ser um artista particularmente imaginativo e de capacidades técnicas muito acima dos seus pares, são igualmente atribuídas campanhas de pintura mural em Vila Marim, acima referida como datada de 1549, em São Romão de Arões (Fafe), São Tiago de Folhadela (Vila Real), São Salvador de Fonte Arcada (Póvoa de Lanhoso), Santa Leocádia de Geraz do Lima (Viana do Castelo), Santa Maria de Ermelo (Arcos de Valdevez), Santa Maria de Pombeiro (a pintura do absidiolo sul), Nossa Senhora do Vale (Paredes) e, provavelmente, Santa Eulália de Arnoso (Famalicão)<sup>4</sup>.

O pintor Arnaus será, segundo Luís Afonso, o mais interessante fresquista do Renascimento português com obra conhecida, dominando efeitos plásticos de grande virtuosismo técnico<sup>5</sup>.

A pintura mural da Igreja de Vila Verde mostra como, por vezes, em igrejas de pouco aparato arquitectónico, trabalharam artistas de grande qualidade. Demonstra também o quanto o encomendador pode ser decisivo na escolha dos artistas e dos programas pictóricos e o quanto podem ser desajustadas as análises que consideram que nestas igrejas rurais os programas artísticos correspondem a obras de periferia e atavismo. É curioso notar que a Igreja de São Mamede de Vila Verde tanto apresenta uma solução arquitectónica tardia, de repetição das formas românicas ainda do século XIV, como constitui um exemplar de *modernidade* no que diz respeito à pintura mural. Neste sentido ela é uma luminar lição de História da Arte. [LR]

365

## 2. A Igreja na Época Moderna

Desde a Idade Média que a Igreja de São Mamede de Vila Verde integra o padroado do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, sendo o pároco da freguesia apresentado por aquela instituição monástica. Nesta qualidade, o Mosteiro era o responsável pela fábrica da capela-mor, bem como pela dotação do seu património artístico.

Na velha Igreja paroquial, a principal componente artística, datada da Época Moderna, reside no espaço da capela-mor, ao nível do seu arranjo arquitectónico e, sobretudo, nos fragmentos de pintura mural já referidos, datados do século XVI.

A transformação do espaço medieval num espaço adaptado às práticas litúrgicas modernas é também perceptível nos vãos rectangulares, rasgados nos alçados laterais do edifício, quer ao nível da nave, quer na capela-mor. De igual modo, o arco triunfal, de volta perfeita, que marca a separação entre o corpo da nave e o da capela-mor mais estreita e rebaixada, denuncia já uma intervenção posterior à Época Medieval.

É evidente a escassez de referenciais artísticos dos séculos XVII e XVIII, um aspecto que se pode explicar pelo facto de este edifício ter passado por um longo período de abandono, que o conduziu a um profundo estado de ruína. A partir de meados do século XIX, o seu culto foi transferido para a Igreja Nova de Vila Verde, templo construído de raiz com maiores dimensões e uma situação mais favorável ao acesso das populações.



11. Pintura mural. Moldura. O motivo decorativo desta moldura é semelhante a um dos motivos utilizados no Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro.

4 AFONSO, Luís Urbano de Oliveira – *A Pintura Mural Portuguesa entre o Gótico Internacional e o Fim do Renascimento: Formas, Significados, Funções*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006, pp. 178-188.

5 IDEM, *ibidem*, p. 178.

O novo templo foi solenemente inaugurado no ano de 1866<sup>6</sup>. Esta transferência de culto, denunciadora de uma alteração na forma de ocupação do território, conduziu ao esquecimento do antigo templo e a falta do seu uso originou a perda irreparável dos seus principais componentes artísticos. Caída em esquecimento, a velha Igreja perdeu a cobertura, ficando entregue aos efeitos nefastos das intempéries e à invasão da natureza, degradando-se todo o seu recheio artístico. Do conjunto do seu património móvel, subsistiram, contudo, algumas peças que podem hoje ser encontradas na Igreja Nova, nomeadamente, a imagem seiscentista de *Nossa Senhora do Rosário* e ainda um interessante *Presépio*, em barro, do século XVIII.

Apesar do aspecto despido em que encontramos hoje o interior deste edifício, sabemos que no ano de 1726 apresentava elementos artísticos relevantes que o enriqueciam, caracterizando-o como um espaço heterogéneo onde conviviam peças, revestimentos e elementos arquitectónicos de diferentes épocas. A capela-mor recebia uma estrutura retabular que acolhia a imagem do orago e na nave havia três altares que abrigavam as imagens de *Nossa Senhora da Graça*, *Nossa Senhora do Rosário*, *Menino Deus* e *São Roque*<sup>7</sup>.

A descrição dos altares foi registada em 1758: «*O orágo da igreja, hé gloriozo Sam Mamede; tem quatro altares, a saber, o altar mayor, o altar do Sanctissimo Nome de Jezus, o altar de Nossa Senhora da Graça, e o altar de Sancto António; nam tem irmandades; tem duas confrarias, húa do Nome de Deos, e outra de Nossa Senhora, de que toma conta o Doutor Provedor da Comarca de Guimarães*»<sup>8</sup>.

Nos tempos barrocos, e como sinónimo do associativismo religioso contra-reformista, a população de Vila Verde alimentava duas Confrarias, tendo cada uma como patrono o *Menino Deus* e *Nossa Senhora*. Estas duas colectividades laicas encontravam-se sediadas nos altares da nave da igreja paroquial. Da responsabilidade dos irmãos de cada confraria era a aquisição e manutenção do património artístico do seu altar privativo. [MJMR / DGS]

### 3. Conservação e requalificação

A Igreja Velha de São Mamede foi progressivamente abandonada a partir da segunda metade do século XIX, na sequência da edificação da nova igreja paroquial de Vila Verde, localizada no centro da povoação. Carlos Alberto F. de Almeida descreve o núcleo habitacional de Vila Verde: «Com duas excelentes casas do século XVIII, uma delas com capela da devoção a santo e algumas outras do século XIX, o pequeno lugar da Rua, com o seu casario junto, é um bem patrimonial rico que deve ser acautelado. Só a emulação entre vizinhos e uma relativa capacidade económica, resultante da criação de gado e do milho, terão conseguido estes resultados de casas agrícolas tão melhoradas. Trata-se pois de um conjunto histórico a ser valorizado»<sup>9</sup>.

A nova igreja, datada de 1866, apresenta uma arquitectura marcada pela simplicidade, rigor construtivo e sobriedade, características do período de Oitocentos. Mais assinalável, no entanto, é o seu património



12. Pintura mural. Parede oriental da cabeceira. Representação de São Bernardo (?).

6 FERNANDES, M. António – *Felgueiras de Ontem e de Hoje*. Felgueiras: Câmara Municipal de Felgueiras, 1989, p. 128.

7 CRAESBEECK, Francisco Xavier da Serra – *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre-Douro-e-Minho no anno de 1726*. Vol. II. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto Lda, 1992, p.194.

8 Instituto dos Arquivos Nacionais Torre do Tombo – *Memórias Paroquiais de 1758*. [www.iannt.pt](http://www.iannt.pt).

9 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira – *Inventário das Terras do Sousa. Patrimonium*. Porto: Etnos, Lda, 1995.

móvel. O conjunto de estatuária dos séculos XVII e XVIII, pertença da igreja mais antiga, é transferido para o novo templo.

Na década de 40 do século XX procede-se à transladação dos enterramentos para o novo cemitério da freguesia, o que contribuirá para a crescente ruína da Igreja velha.

Nas últimas décadas, o abandono a que esteve votado o templo de São Mamede contribuiu para a transformação da paisagem envolvente. Neste sentido, foram desaparecendo os antigos campos de pastagem para darem lugar a novas construções, tanto de função habitacional como de carácter estrutural, adulterando a leitura da paisagem e a sua relação com o vale. No entanto, ainda é possível encontrar, nas imediações da Igreja Velha de S. Mamede, construções vernaculares que se reportam à antiga actividade agro-pastoril.

Entre os anos de 2005 e 2006 foram realizadas obras de conservação e requalificação da Igreja, supervisionadas pela DGEMN, no âmbito do projecto da *Rota do Românico do Vale do Sousa*. Do antigo templo de São Mamede, apenas restavam os muros da nave e da capela-mor. No interior subsistiam a parede do arco triunfal e os muros da sacristia adossada à cabeceira, enquanto todo o sistema de coberturas tinha desaparecido. [MB]

## Cronologia

1220 – Registo da existência da paróquia e da Igreja de São Mamede de Vila Verde;

Séc. XIV – Reedificação da Igreja;

Séc. XVI – Remodelação interior, alteração da cabeceira; campanhas de pintura mural;

Séc. XVIII – Construção da sacristia;

Século XIX – Abandono do templo;

Séc. XX (década de 40) – Trasladação de enterramentos para o novo cemitério da freguesia;

2005/2006 – Realização de obras, a cargo da DGEMN, no âmbito do projecto da *Rota do Românico do Vale do Sousa*: levantamento estratigráfico de alçados e escavação arqueológica, reposição do sistema de cobertura, reboco dos muros, pavimentação, conservação dos frescos da Igreja, organização do espaço de celebração, iluminação interior e arranjo paisagístico da área envolvente.